

EDITORIAL

TRABALHO&EDUCAÇÃO: 25 ANOS DE EXISTÊNCIA.

Como é tradição socialmente estabelecida, os momentos de encerramento de um período anual de vida, em toda as esferas da prática humana, constituem-se em oportunidade de avaliação dos desafios enfrentados, das proposituras inicialmente enunciadas – tanto daquelas levadas a efeito, quanto as malogradas – e, por conseguinte, dos tracejamentos de perspectivas quanto ao porvir mais imediato.

Este comportamento se arrima não somente por razões culturais ou morais, em mecanismos de reprodução societária dos costumes, mas está vincado, antes de tudo, na própria lógica da objetivação humana, na produção pela qual os indivíduos sociais se efetivam, criam e mantêm suas diversas condições de existência, produzem a si mesmos e se expressam em *seu ser e seu saber*. Avaliar faz, pois parte integrante e integradora do *ri sendo humano* no tempo, no fazer humano do tempo em temporalidade das ações passadas, presentes e futuras.

Não obstante o que possa ter de convencional, contudo, não necessariamente arbitrário, a instauração das temporalidades possíveis da ação humano-societária é a demarcação organizada do ser, do fazer e do saber humanos na mundanidade. Por isso, o movimento da passagem das coisas, acima de tudo como ir sendo de *plenitudes categoriais* ontologicamente dinâmicas é a interpelação lançada pelo tempo aos indivíduos. Um interpelar que passa exigir um ordenamento da vida no interior, em tensão permanente, com a ordenação do tempo objetivo e indiferente aos seres humanos.

O mundo não conhece o tempo da teleologia, mas as finalidades, e os objetivos nos quais estas se traduzem, é o pôr humano no mundo que conquista seu quinhão de objetividade na medida em que se faz coisa no mundo, independentemente dos graus de seu sucesso.

Assim, se navegar é preciso, por ser o navegar um por humano, uma viagem no tempo, pelo qual a simultaneamente o tempo está em nós e nós nos fazemos tempo de ser, a avaliação do que foi, do que não foi, e do que poderia ter sido é um incontornável da forma de ser humana.

A este balanço de perspectivas e efetivações não escapa, evidentemente, o conjunto de ações desenvolvidas também no âmbito da produção e difusão socialmente determinadas do conhecimento científico. *Trabalho&Educação*, não apenas pelo laço semântico que a ata à lógica onímota da objetivação humana, mas também por ter feito desde seus primeiros passos sua, esta lógica, aproveita este momento de fecho relativo de um tempo para pôr as coisas em perspectiva histórica.

Perspectiva esta que toma como plataforma de suscitação à reflexão, ainda que sumária pelos limites desta apresentação, a efeméride de seus iniciais 25 anos de estrada percorrida. Um quarto de século que se completa na consolidação de um esforço editorial e intelectual que sempre resistiu na recusa decidida da cisão, hoje infelizmente em voga, entre o acadêmico e o social. De certo modo, arcou com o ônus desta opção por expressar como diretiva de ação a articulação destes dois âmbitos, buscando ressaltar

a relevância do conhecimento em razão da sua pertinência como descortino da realidade societária. Uma realidade societária que nesta quadra de quarto de século longe de denegar o perfilado dos compromissos e das questões a serem defrontados, enumerados no editorial do número 0, publicada em julho de 1996, os ratifica tanto pela sua urgência quanto pela gravidade com a qual se aprofundaram os problemas ali enunciados.

Com o fito de oferecer um breve cotejamento que se comparem apenas algumas passagens daquela carta de intenções teórico-ideológicas fundadora de *Trabalho&Educação* com o horizonte cada vez deletério do presente.

Desta maneira, em que pesem as tristes inflexões vivenciadas e sofridas nestes 25 anos, não é ainda atual

O debate sobre os limites educacionais ao desenvolvimento econômico, na atualidade, vem agora acompanhado das referências à mudança nos parâmetros da competitividade internacional, nas exigências de produtividade e qualidade formuladas pelo mercado capitalista globalizado e de cultura tecnológica específica ao paradigma informacional?

E isto, principalmente, levando-se em conta os rumos de descaminhos das perspectivas reformistas frente ao capital que desaguaram na atual onda de denegação, ora elegante ora maltrapilho da cientificidade? Ou ainda, pelo rebaixamento do conhecimento e da educação a meras mediações de reiteração do presente travestido em “futuro”?

Ou que pode ser mais o tom desabitado de verdade com que hodiernamente se veio e se vem a afirmar a necessidade de “valorização” da educação. Quanto mais se mobiliza esta fórmula, a partir e dentro dos puros limites do *círculo de ferro de reprodução do capital*, tanto mais se soa vazio de sentido propriamente educacional. Neste sentido, à tal ladainha hipocritamente piedosa que pulula na discursividade política e midiática, com o número 0, ainda se pode, e se deve, interpelar a seus falazes portadores:

Estão, entretanto, os diferentes sujeitos sociais falando de tudo isto da mesma maneira? Quais são, de fato, suas expectativas e anseios em relação à trabalho e educação? Que necessidades de reflexão vêm como demanda social aos pesquisadores e estudiosos desta área? Como se posicionar diante das proposições políticas endereçadas aos educadores sociais e escolares pelos representantes estatais, patronais, sindicais e de outros segmentos da sociedade civil?

Em outros termos, é cabível hoje, como se o fosse antes, conceber “a sociedade” como simples plêiade de individualidades justapostas em seu isolamento natural e reunidas tão somente por suas finalidades autonomamente postas? Por certo, muitos dos discursos sociais escamoteiam antagonismos sociais inconciliáveis tomando e oferecendo a formação escolar como ponto resolutivo de contradições da sociabilidade lidas como meras “diferenças” individuais.

Pelos parâmetros emancipatórios, que, independentemente das particularidades teóricas, igualmente fizemos nossos, é salutar colocar como interrogações atualmente pertinentes aquelas mesmas feitas nos momentos de nossa fundação, por quanto os termos essenciais que definem o momento histórico do capital persistem. Por conseguinte,

Que tarefas cabem, mesmo, à educação, considerando a condição de país subordinado que caracteriza o modo de inserção do Brasil na globalização capitalista? Qual é, na verdade, o peso específico dos fatores educacionais em relação à produtividade, à sua evolução e ao nível de emprego, em relação ao

das cadeias macroeconômicas? Como considerar a contribuição da educação, se produtividade e qualidade, antes de tudo, estão associadas à natureza das relações sociais? Como objetivar a ligação entre trabalho e produtividade se o caráter coletivo do trabalho tem se ampliado e cada vez se torna mais difícil distinguir a contribuição de cada trabalhador dentro do resultado final?

Tem-se assim uma série de interrogações a um tempo irrevogáveis e necessárias, até mesmo em razão da aparência de terem se esfumado as determinações da mundialização do capital. Tomam-se hoje, seja à esquerda seja à direita, o desenvolvimento da lógica contraditória da interdependência mundializada de produção e reprodução ampliada da valorização do valor como se derivasse da vontade política. Por um lado, sob a caduca categoria do “imperialismo”, e por outro, baseando-se na delirante postulação do fantasmagórico “globalismo”. Em ambos os casos, perde-se de vista o teor objetivo das determinações. Confunde-se amiúde os portadores políticos e gerenciais da dominação do mais-valor como forma preponderante com as determinações que balizam e delimitam as ações que medeiam o controle social da produção. Decerto, nada de novo no *front* das tendências politicistas.

A este comportamento mental que ora repisa anacronicamente horizontes, ora de soçobrar em milenarismos obscurantistas, a leitura rigorosa do presente, como ponto sempiternamente transitivo, em nome dos horizontes do futuro, deve ser reafirmada e defendida independentemente de conveniências ou de antipatias. Trata-se acima de tudo de tomar renovadamente como nossa também a diretiva marxiana de extrair do futuro a poesia do fazer-se presente. *Poiesis* que não se identifica com utopismos na medida em que simultaneamente rechaça de modo decidido a elegante vacuidade dos nihilismos.

Poesia que contempla obrigatoriamente o pensar e o fazer da formação presente que intenta o forcejar das virtualidades emancipatórias ato contínuo da atuação educativa que se procede pelo entendimento de seus limites intrínsecos. Ora, a educação não pode, nem poderá, tudo, mas pode sempre alguma coisa, porquanto seja inerentemente o dar forma continuada daquele devêr ser.

Educar e trabalhar, trabalhar educando, educar pelo trabalho, é, de uma parte, retomar em outra potência a lida com o futuro que parametriza pelo poder ser as moldagens do que é, efetividade processual contida em todo e qualquer ato de objetivação. É um atuar realista, decididamente consciente de que

A qualificação humana para o trabalho é um processo social mais amplo, determinado historicamente, tem a ver com a formação social do valor de uso e do valor de troca da força de trabalho. O aparelho educacional não é o único fator em causa, aliás ele é muito mais um reflexo de um sistema cultural global, que atribui valores diferenciados a certos traços da cultura.

Neste sentido, é concomitantemente, de outra parte, fazer a definição de *crítica* descer dos céus à terra e torná-la componente do atuar cotidiano. Não mais apenas um predicado do pensamento ou do discurso, e sim um caráter do fazer. Crítico porquanto conheça e domine articuladamente no manejo das suas condições o conjunto de possibilidades e limites de instauração.

Da totalidade dos vetores que determinam a feição da sociabilidade atual e teimam em a delinear como fatal e permanente, emergem já, como esperado, pressões para que, no âmbito peculiar da educação formal, as mediações tecnológicas, em especial, o uso intensivo das TDIC se barateiem em meras ferramentas da tão sonhada capitalização

completa da formação humana. E é antes de tudo, animados por uma criticidade atuante e por uma atuação crítica, que se deve enfrentá-las.

É deste modo, o término de mais um período anual, após 25 anos, gravoso, sobretudo pelas reiteraões de mazelas e aporias sociais contemporâneas, por certo, universais, mais que no contexto brasileiro, e naqueles que lhes são próximos, tornam-se tanto mais nefastos e dolorosos, quanto mais reveladores da sua miséria particular. Entretanto, é na mesma medida mais um fechamento de períodos, cujo balanço, no cômputo de resistências, cansaços e fracassos, solicita de cada qual a ponderação das alternativas, por mais estreito que parece o campo no qual estas se ofereçam.

Neste sentido, a tarefa que persiste, e dá um sentido real ao persistir – mais que ao mero resistir, é o *“transformar nosso conhecimento em força material em favor de uma sociabilidade em que trabalho e educação venham, de fato, constituir a práxis emancipatória é nosso horizonte”*. **(Belo Horizonte, 14 de julho de 1996 – Editorial da n. 0).**

TRABALHO, CAPITALISMO E CLASSE TRABALHADORA DO TAYLORISMO-FORDISMO AO TOYOTISMO UBERIZADO de CAMILLO, Eliane Juraski e MOURA, Dante Henrique, abrem essa **edição (n.30. v3)** de T&E. Realizando um breve panorama histórico acerca da evolução da categoria Trabalho, contemplando elementos do pensamento marxiano até a atualidade marcada pela sua precarização, no bojo da Economia do Compartilhamento (EC), modalidade econômica que vem exacerbando a uberização do trabalho.

CONSERVADORISMO E IRRACIONALISMO: UMA ANÁLISE ONTOLÓGICA DO BOLSONARISMO ENQUANTO REAÇÃO DO CAPITAL À SUA CRISE ESTRUTURAL. CASTRO, Matheus Rufino, do Colégio Pedro II, analisa ontologicamente o fenômeno do bolsonarismo, buscando compreendê-lo em seus elementos mais determinantes. Com base na noção de ontologia (LUKÁCS, 2013), o autor aponta para a dinâmica histórica do modo de produção capitalista onde com a ampliação da precarização da vida da classe trabalhadora que agrava o quadro de pauperização material e espiritual da sociedade impele os sujeitos a uma condição permanente de insatisfação.

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E SAÚDE DO TRABALHADOR: REVISÃO E PERSPECTIVAS. CABRAL, Ivens Bruno Vieira; DA SILVA, Pedro Henrique Nobre e SOUZA, Diego de Oliveira, analisam a literatura sobre a precarização do trabalho e a saúde do trabalhador, vislumbrando as perspectivas de investigação/intervenção. Para tanto, foi realizada uma busca por artigos na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), seguida de uma análise crítica. A literatura consultada traz importantes contribuições sobre a relação entre a precarização do trabalho e a saúde do trabalhador, sobretudo para os trabalhadores da saúde, ratificando a amplificação desse fenômeno ante a reestruturação produtiva.

DO DOCENTE EFETIVO AO DOCENTE UBERIZADO: A PRECARIZAÇÃO CONTRATUAL DO PROFESSOR NO BRASIL. ROMERO, Livia; SEGUNDO, Maria das Dores Mendes; AQUINO, Cássio Adriano Braz de, refletem acerca da tendência à uberização do trabalho do professor brasileiro. Para o alcance dos objetivos propostos, adota-se como procedimento teórico-metodológico a pesquisa bibliográfica, documental e legal ancorada numa perspectiva crítica. Desse modo, evidencia-se,

comparativamente, a expansão dos contratos de trabalho temporário e substituto do professor nas escolas públicas e o caráter de uberização do trabalho docente, demonstrando que há semelhanças e diferenças, e uma precarização evidenciada pela fragilização contratual dessas modalidades. Conclui-se, portanto, que as diretrizes impostas pela reestruturação produtiva, iniciada na década de 1970, ganha novos contornos, com o uso intensivo da tecnologia, imprimindo um cenário de flexibilização, instabilidade e precarização para a classe trabalhadora.

VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO EM PROFESSORES DE KARATE. CAMILO, Juliana Aparecida de e RUBIO, Katia, investigam as vivências de prazer e sofrimento com o trabalho de professores de Karate em uma cidade metropolitana do estado de São Paulo. Para isso, como aporte epistemológico, empregam a psicodinâmica do trabalho. Foram feitas sete entrevistas individuais com os professores, no ano de 2019. Os resultados indicaram a invisibilidade do trabalho desses educadores, laços extremamente frágeis contratuais, condições precárias estruturais para que as aulas fossem ministradas, alta demanda dos alunos quanto as competências dos professores e alta expectativa dos alunos e seus cuidadores quanto aos princípios disseminados nas aulas.

PÓS-DIPLOMA: PESSOAS EM EXERCÍCIOS DIFERENTES DE SUA FORMAÇÃO EM CAMPINA GRANDE – PB. JUNOR, Leconte de Lisle Coelho; ASSIS, Letícia de Fátima e MOTA, Jefferson Lucas Felix. Nesse artigo, objetivam identificar quais fatores levaram esses profissionais a buscarem outras profissões diferentes de suas formações. Os resultados obtidos propagam que fatores como competitividade, desemprego, falta de oportunidades, falta de experiência e necessidade de remuneração são os principais obstáculos encontrados na não atuação em sua área de formação, além de um grande aumento de profissionais qualificados atuantes na área de telemarketing. Concluiu-se que as dificuldades enfrentadas fazem com que busquem por soluções alternativas afim de inserção no mercado de trabalho.

DO ATIVISMO SOCIAL A REVITALIZAÇÃO DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO POLO NAVAL E OFFSHORE DE RIO GRANDE/RS. D'AVILA, Ana Paula, reconstitui, nesse artigo, o processo de revitalização sindical ocorrido entre 2012 e 2017, decorrente da ampliação intensa e veloz da categoria de metalúrgicos no Polo Naval e Offshore de Rio Grande. O referido processo foi marcado por intensas lutas entre trabalhadores e sindicato, devido à existência anterior de um ativismo social por parte dos trabalhadores. Por meio da abordagem teórica da construção de classe enquanto um “fazer-se” na experiência compartilhada, acompanhamos os principais momentos da revitalização sindical e os conflitos com sua base, que obliteravam, em parte sua representação legítima em torno do sindicato institucionalizado.

A POLÍTICA DE COTAS RACIAIS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO BRASIL, DUAS DÉCADAS DEPOIS: UMA ANÁLISE. GUIMARAES, Eder D'artagnan Ferreira, da Universidade Nacional de Rosário, verifica a política de cotas raciais adotada nas primeiras universidades públicas do Brasil em 2002 e sancionada como política governamental dez anos depois, fundamentada em um amplo processo de discussão envolvendo organizações do governo e da sociedade civil.

EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO: Reflexões sobre o Desenvolvimento Profissional Docente no PIBID – Ceará. PINHEIRO, Francisco Felipe de Aguiar; FREITAS, Francisco Joatan; VERAS, Kleyane Moraes e FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Pesquisadores, da UECE, tratam do Desenvolvimento Profissional Docente em relação às experiências dos

professores supervisores no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no Ceará. O objetivo do trabalho é identificar aspectos da experiência formativa do PIBID que contribuem para o Desenvolvimento Profissional Docente da Educação Básica do Ceará.

RELAÇÃO ENTRE PROCESSO DE INGRESSO E EVASÃO NA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. FERREIRA, Daiana da Rosa e VALER, Salete, analisam a implantação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e a expansão dos Institutos Federais pela lei nº 11.892/2008 ampliaram o número de matrículas e de cursos nos estados brasileiros. Entretanto, a instituição vem apresentando elevados índices de evasão. Nesse contexto, o presente artigo objetiva analisar pesquisas empíricas que abordem de alguma forma as possíveis relações estabelecidas entre os procedimentos adotados no processo de ingresso das referidas instituições e que possam estar afetando a evasão/permanência dos estudantes.

TÉCNICO EM ENFERMAGEM: ASPECTOS SOBRE TRABALHO E PROFISSÃO. Por fim, fecha esse número, a contribuição de GAWRYSZEWSKI, Bruno BOVOLENTA; Marília Bittencourt e FARIAS, Maria Eduarda Araujo de. A categoria profissional dos Técnicos em Enfermagem é a maior força de trabalho da área da saúde, bem como é o curso técnico de nível médio com o maior quantitativo de matrículas no estado do Rio de Janeiro. O objetivo do presente texto foi o de investigar aspectos referentes ao trabalho e a profissão dos Técnicos em Enfermagem. O quadro teórico considerado se deu em diálogo com referências da Sociologia do Trabalho, a fim de caracterizar o atual mundo do trabalho, bem como em pesquisas da Enfermagem e Saúde Pública que ajudaram a caracterizar a reconstituição histórica do trabalho, profissão e formação técnica em Enfermagem.

Finalmente, Trabalho&Educação encerra 2021 publicando os resumos de teses e dissertações dos nossos mais recentes pesquisadores:

PROJETOS POLÍTICOS EM DISPUTA: a importância da Educação Integrada e Politécnica como contraponto à contrarreforma do Ensino Médio

Roberta Cristine de Andrade Passos – UERJ

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DE GÊNERO: ASSÉDIO MORAL E SEXUAL EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Eloiza Helena Gonçalves Maia - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG

OS APOSENTADOS E A FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA

Maria Bárbara de Campos - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG

AS PERCEPÇÕES DOS(AS) TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS(AS) EM EDUCAÇÃO SOBRE JORNADA DE 30 HORAS NA UFMG

Ligia Mara Sabino - UFMG

Boa leitura a todas(os)!

Antônio José Lopes Alves

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

<http://orcid.org/0000-0002-6365-3514>

Hormindo Pereira de Souza Junior

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

<https://orcid.org/0000-0001-9411-6802>